

## Artigo Original

# Análise Conscienciométrica da Autobiografia de Wangari Maathai

Conscientiometric Analysis of Wangari Maathai's Autobiography

Análisis Concienciométrica de la Autobiografía de Wangari Maathai

Cristiane Ferraro\*

\* Psicóloga. Mestre em Letras. Professora Universitária. Coordenadora do Holociclo, na Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Consciencologia (CEAEC).

*cristianeferraro@gmail.com*

## Palavras-chave

Análise biográfica  
Ressonância conscienciométrica  
Trinômio trafor-trafar-trafal

## Keywords

Biographical analysis  
Conscientiometrical Resonance  
Trinomial strong trait-weak  
trait-missing trait

## Palabras-clave

Análisis biográfica  
Resonancia concienciométrica  
Trinomio trafor-trafar-trafal

## Resumo:

O presente artigo trata da análise da autobiografia da bióloga, ambientalista, professora e nobelista Wangari Maathai (1940–2011) do ponto de vista da Consciencimetrologia. Fundamentou-se no trinômio conceitual trafor, trafer e trafal para desenvolver tal análise (VIEIRA, 1996). A escolha do *corpus* recaiu sobre a autobiografia intitulada *Inabalável*, publicada, em 2007, pela editora Nova Fronteira. A metodologia consistiu na leitura da obra, selecionando trechos indicadores dos fatos mais marcantes de vida e evidenciadores dos traços conscienciais fortes, fracos e faltantes da autora. Tal estudo justifica-se devido toda autobiografia publicada converter o autor à condição de conscin-cobaia, passível de ser submetida à avaliação consciencial.

## Abstract:

The present article is regarding the analysis of the autobiography, of the environmentalist, teacher and Nobel prize-winner biologist Wangari Maathai (1940–2011) from the Conscientiometry point of view. Such analysis was developed based in the conceptual trinomial strong-trait, weak-trait and missing-trait (VIEIRA, 1996). The choice of the corpus befell on the autobiography entitled *Unbowed*, published, in 2007, by the Nova Fronteira publisher. The methodology consisted of the attentive reading of the work, the selecting of indicative passages of the most remarkable facts of life, which offered evidence of the strong, weak and missing traits of the author. Such study is made possible due to the publishing in its entirety of the autobiography, thus converting the author into the condition of an intraphysical consciousness-guinea pig, passive to be submitted to the consciencial evaluation.

## Resumen:

El presente artículo trata del análisis de la autobiografía de la bióloga, ambientalista, profesora y nobelista Wangari Maathai (1940–2011) del punto de vista de la Conciencimetrología. Se fundamentó en el trinomio conceptual trafor, trafer y trafal para desarrollar tal análisis (VIEIRA, 1996). La elección del *corpus* recayó sobre la autobiografía intitulada *Inabalável*, publicada, en 2007, por la editora Nova Fronteira. La metodología consistió en la lectura atenta de la obra seleccionando trechos indicadores de los hechos más marcantes de vida y evidenciadores de los rasgos conscienciales fuertes, flacos y faltantes de la autora. Tal estudio se justifica debido toda autobiografía publicada convertir el autor a la condición de conscin-cobaya, pasible de ser sometida a la evaluación consciencial.

Artigo recebido em: 20.02.2012.

Aprovado para publicação em: 17.07.2013.

---

## INTRODUÇÃO

**Objetivos.** O objetivo geral desse artigo é analisar a obra autobiográfica da queniana Wangari Maathai, intitulada *Inabalável*, sob a ótica da Consciencimetrologia. Os objetivos específicos são: apresentar a história de vida da autora e indicar possíveis trafores, trafares e trafais dessa líder, através da narrativa publicada.

**Metodologia.** A metodologia desenvolvida foi a leitura atenta da obra selecionando trechos indicadores dos fatos mais marcantes da vida e dos *traços* conscienciais *fortes* (trafores), *fracos* (trafares) e *faltantes* (trafais) da autora.

**Histórico.** Essa análise foi apresentada pela primeira vez na sala de aula da Conscius (Associação Internacional da Consciencimetrologia Interassistencial), durante o curso chamado Recin (*Reciclagem Intraconsciencial*), no dia 07 de maio de 2008, quarta-feira.

**Aula.** Essa apresentação consistiu em duas partes: na primeira, foi feita a exposição da vida da autora e dos trafores, trafares e trafais; e na segunda parte, foi realizada modalidade de conscin-cobaia, na qual foi feita a confrontação dos traços de Wangari Maathai com os da personalidade desta autora, passíveis de questionamento pelos demais colegas de turma e professores.

**Heterocrítica.** Cabe aqui lembrar a realização do curso *Heterocrítica de Obra Útil*, no período de 01 a 04 de maio de 2008, ocasião do contato com a obra, a partir da seleção pelos alunos. Trabalhei na função de monitora técnica do curso.

**Ressonância.** A leitura da autobiografia da professora e ambientalista criou ressonância em mim do ponto de vista conscienciométrico, a partir de aproximações e distanciamentos de traços conscienciais.

**Motivação.** Tal repercussão conscienciométrica desencadeou a motivação para leitura atenta e detalhista e a oportunidade de exposição de tal experiência no curso Recin, no qual participava na condição de aluna.

**Foco.** Neste artigo não será feita a análise heterocrítica da obra, a partir da técnica do *conteúdo e forma* (confor) consensuais e heterocriticáveis, proposta no curso *Heterocrítica de Obra Útil*, mas a análise conscienciométrica a partir dos traços conscienciais, com base no livro autobiográfico.

**Estrutura.** O desenvolvimento do artigo está estruturado em três partes: a contextualização histórica e geopolítica do Quênia, país natal da autora; a biografia da nobelista e os trafores identificados, os trafares encontrados e prováveis trafais.

## I. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOPOLÍTICA DO QUÊNIA

**Quênia.** O Quênia é país do leste africano, cuja capital é Nairóbi, no centro do país. Abrange área de 582.646 mil km<sup>2</sup>. A população é de 41,6 milhões de habitantes (Ano-base: 2011).

**Língua.** A língua oficial é o inglês, mas fora das salas de aula, o idioma dominante é o kiswahili, junção do árabe com a língua de bantus. Porém, cada tribo possui o próprio dialeto.

**Tribos.** São mais de 42 grupos étnicos. A sobrevivência tem sido embasada na agricultura e pecuária (MAATHAI, 2007, p. 19).

**Árabes.** O idioma kiswahili nasceu do contato com os árabes, que instalaram colônias no litoral do Quênia e trocavam mercadorias com as tribos do interior, no século VIII (ABRIL, 2005).

**Portugueses.** No século XV, os portugueses chegam à região e controlam a costa até 1729, quando o território é dominado pelos sultões de Omã (ABRIL, 2005).

**Partilha.** A colonização inglesa iniciou-se em 1885, quando as “grandes potências” da Europa se reuniram na Conferência de Berlim para formalizar a chamada *Partilha da África*. Os britânicos ficaram com o Quênia e a Uganda (MAATHAI, 2007, p. 23).

**Colonização.** Além dos ingleses, inúmeros exploradores, caçadores de fortuna exploraram tanto os recursos naturais quanto humanos. Essa situação perdurou até 1950, quando surgiram movimentos de libertação do povo queniano, sendo o principal denominado Mau Mau, chefiado por Mzee Jomo Kenyatta (1894–1978).

**Missionários.** Grupos religiosos, sobretudo católicos, presbiterianos e da Igreja Independente Africana disputavam as consciências nativas com intenção de conversão. “Danças, quaisquer outras festividades não-cristãs e ritos iniciáticos eram desencorajados e até demonizados e banidos pelos missionários e pelos convertidos” (MAATHAI, 2007, p. 28).

**Independência.** O movimento Mau Mau começou em 1953 e foi derrotado em 1956, mas foi decisivo para a posterior independência do Quênia, em 1963. Kenyatta esteve preso de 1953 até 1961, porém posto em liberdade, formou partido político e saiu vitorioso nas eleições de 1963, tornando-se o primeiro presidente queniano (MRE, 2005).

**Vestígios.** No Quênia foram descobertos vestígios de pré-hominídeos. Os fósseis mais antigos de *Homo habilis* e *Homo erectus*, datados de 2.600.000 anos, foram descobertos na região do lago Turkana, ao norte do Quênia.

**História.** Após essa breve contextualização histórica, geopolítica, social e cultural, segue a história de vida de Wangari Maathai.

## II. BIOGRAFIA

**Datas.** Wangari Muta Maathai ressomou no dia 1 de abril de 1940 no Quênia e dessemou em 25 de setembro de 2011, aos 71 anos de idade, de câncer. Foi bióloga, ambientalista, professora e ganhou o prêmio Nobel da Paz, em 2004, por dirigir movimento de plantio de 30 milhões de árvores em três décadas. Foi a primeira mulher africana a receber o prêmio (ABRIL, 2005).

**Fatos.** Sob a ótica da *Biografologia*, foi possível destacar nove aspectos ou fatos da autobiografia a serem expostos aqui, visando contextualizar a vida dessa professora: o soma, o temperamento, a família, a infância, a mesologia, a escolaridade/intelectualidade, o emprego, o casamento e a prisão.

**Método.** Para esses nove fatos, foram indicadas as páginas da autobiografia (MAATHAI, 2007), de onde foi retirada a ideia, procurando evidenciar a realidade em questão e respaldar hipóteses porventura levantadas no decorrer da exposição.

### A. SOMA

**Corpo.** De acordo com a *Somatologia*, destacam-se quatro fatos citados no livro: a força física do pai (p. 29), a força física da Wangari (p. 71), a força de trabalho (p. 142) e a energia dela (p. 169).

---

**Hipótese.** Os fatos desenvolvidos na autobiografia indicando o potencial físico e energético da autora assim como postura incansável na defesa dos ideais pessoais, principalmente na área da Ecologia e Politicologia por toda a vida, sugerem a hipótese do macrossoma ou corpo fora-de-série.

### **B. TEMPERAMENTO / GENÉTICA**

**Índole.** Quanto à *Temperamentologia*, há identificação dela com a avó paterna, sugerindo vínculo estreito entre elas: “minha mãe sempre me dizia que eu parecia, até na forma de agir, com minha avó paterna, Wangari, de quem tenho o nome. Ela era famosa por ser trabalhadeira e muito organizada. Pelo que diziam, os gestos que eu fazia, o meu jeito de falar, de andar e de arrumar as minhas coisas eram exatamente iguais aos dela.” (p. 71)

**Conjectura.** Outra suposição seria ponderar a possibilidade da Wangari Maathai ter sido a avó paterna dela, caracterizando a ressonância consanguínea ou na mesma árvore genealógica.

### **C. FAMÍLIA**

**Linhagem.** Segundo a *Grupocarmologia*, ressaltam-se aspectos sobre os personagens e contexto familiar. A figura materna é vista pela autora como “âncora na vida” (p. 30). O pai é polígamo, com personalidade forte e dominadora, inabalável e poliglota (p. 34, 35, 38, 39 e 41). O ambiente familiar não propiciava medo ou insegurança, pelo contrário, Wangari diz: “eu tinha muitas razões para sonhar, para ser criativa, para usar a imaginação.” (p. 37). O clima familiar era calmo e acolhedor: “nós ali, sentados, ouvindo o que nos contavam as mulheres – mães, tias, avós (Os homens não contavam histórias)” (p. 73).

### **D. INFÂNCIA**

**Mocidade.** Sobre a infância de Wangari, três vivências chamam a atenção — a contação de histórias pelos adultos (p. 74); o estímulo à imaginação e vivacidade: “Em criança, tudo o que me cercava era vivo, dinâmico e inspirador.” [...] “as crianças ouviam histórias vivas sobre a realidade ao seu redor e onde a terra e a imaginação eram cultivadas na mesma medida” (p. 75); e a simplicidade revelada pela ausência de sapatos até a escola secundária (p. 78).

**Incentivo.** Esses fatores parecem ter se constituído em incentivo e ao mesmo tempo traços da liderança posteriormente exercida por ela.

### **E. MESOLOGIA**

**Entorno.** Sobre a *Mesologia*, há 3 passagens representativas sobre o entorno da vida de Wangari, os hábitos do grupo étnico a qual pertencia (“Eles viviam do cultivo da terra e também criavam bois, cabras e carneiros” - p. 19), a invasão dos britânicos (“Foi um profundo choque ver os britânicos, a quem aquelas terras haviam sido cedidas temporariamente, faltarem com a palavra dada e se apoderarem da terra” - p. 87) e a influência do *american way of life* sobre os ideais pessoais: “não é exagero dizer que os EUA me transformaram: eles fizeram de mim o que sou hoje. Foi lá que aprendi a não desperdiçar nenhuma oportunidade e fazer

o que pode ser feito – e que há muito a ser feito. Queria promover no Quênia o mesmo espírito de liberdade e de possibilidade que os EUA inculcaram em mim, e foi com essa intenção que voltei para casa” (p. 127).

## F. ESCOLARIDADE / INTELLECTUALIDADE

**Currículo.** No tocante à *Escolaridade e Intelectualidade*, observam-se sete aspectos selecionados:

1. **Irmão:** a intercessão do irmão para a Wangari entrar na escola (p. 60 e 81).
2. **Catolicismo:** a influência do catolicismo sobre o modo de entender a sociedade e as pessoas, pois ela estudou em várias escolas religiosas, desde a escola primária até a universidade, cursada nos Estados Unidos, sinalizando provável passado envolvido no catolicismo (p. 77, 78, 81, 95, 96, 102, 108, 117, 118).
3. **Imperialismo:** os abusos no sentido de destruição da identidade nacional através da proibição do uso da língua materna pelos colonizadores ingleses (p. 84).
4. **Curso:** a constatação do papel desses aportes intelectuais na futura liderança feminina ambientalista quando retornasse ao Quênia (ela esteve na Universidade de Pittsburgh, em 1963, fazendo um curso sobre liderança por 6 semanas, cujo trabalho final foi sobre o auxílio prestado às mulheres de zona rural para poderem trabalhar em conjunto e promoverem estratégias de desenvolvimento). Ela estaria 10 anos mais tarde colocando na prática essa teoria, ao criar o Movimento Cinturão Verde (p. 123).
5. **Pós-graduações:** a realização do mestrado em biologia (p. 122), o doutorado em anatomia na Alemanha (p. 135-139) e o pós-doutorado sobre o ciclo de vida do parasita responsável pela febre da Costa Leste, doença fatal para o gado híbrido importado (p. 155).
6. **Pioneirismo:** o pioneirismo intelectual no país natal (“Fui a primeira mulher na África Oriental e na África Central a receber o grau de doutora, um feito significativo que passou solenemente despercebido” (p. 145); “Em 1974, fui nomeada professora sênior de anatomia; dois anos depois, chefe do departamento de anatomia veterinária e, finalmente, em 1977, professora adjunta. Embora meus colegas e eu não fizéssemos muito estardalhaço a esse respeito, fui a primeira mulher a ocupar todos esses postos” (p. 151).
7. **Poliglotismo:** “...eu falava quicuiu além da língua nacional (*kiswahili*) e da oficial (inglês)...” (p. 142); “Aprimorei meu conhecimento de alemão com aulas no Instituto Goethe e achei relativamente fácil falar ou entender alemão tanto nas aulas quanto no mundo fora das universidades” (p. 140).

## G. EMPREGO

**Trabalho.** Conforme os estudos da *Operosidade Profissional*, quando Wangari completa o mestrado, começa a trabalhar na Universidade de Nairóbi, vinculada à Universidade da África Oriental, em Makerere, Uganda, na função de assistente no laboratório de anatomia veterinária e posteriormente passa a professora universitária (p. 134 e 135).

## H. CASAMENTO

**União.** Wangari Muta conheceu o futuro marido, Mwangi Mathai, em 1966 (p. 138). Casou-se aos 29 anos de idade, ele com 34 anos de idade, em maio de 1969 (p. 141). O casamento durou oito anos. Foi mãe de três filhos: “Gostei da experiência de ser mãe...” (p. 145).

---

**Separação:** “Mas ninguém tinha me avisado – e nunca me passou pela cabeça – que, para o nosso casamento sobreviver, eu deveria fazer de conta que não era bem-sucedida e negar os talentos que Deus me deu” (p. 176).

### I. PRISÃO

**Cárcere.** Wangari foi presa por 3 vezes: na ocasião do conflito dos quenianos rebeldes com os colonos (p. 93); na época do divórcio, por dizer o que pensava (p. 182, 184 e 185); e por apoiar o movimento pró-democracia no Quênia (p. 257).

**Teoria.** Após conhecer algumas características da biografia de Wangari, vamos passar a análise conscienciométrica, a partir da instrumentalização teórica dos constructos do *traço-força* (trafor), *traço-fardo* (trafar) e *traço faltante* (trafal).

### III. TRINÔMIO TRAFOR-TRAFAR-TRAFAL

**Sistematização.** Para cada trafor, traftar e trafal da Wangari Maathai, foram retirados e transcritos trechos do livro, procurando evidenciar o traço consciencial com fins de estudo conscienciométrico.

#### A. TRAFORES

**Virtudes.** Sob o prisma da *Traforologia*, destacam-se 6 trafores, virtudes, ou qualidades principais dessa personalidade pública feminina:

#### LIDERANÇA (CONSCIÊNCIA ATIVISTA, POLÍTICA, AMBIENTAL, PACIFISTA)

**Indicadores.** Aqui foram listados 15 fatos indicadores da postura e das ações de liderança de Wangari Maathai:

01. **Grupo.** O clã dela é associado com liderança (p. 21).

02. **Primeira.** Foi a mais velha das filhas mulheres (p. 30).

03. **Curso.** Tinha estado na Universidade de Pittsburgh, em 1963, fazendo um curso sobre liderança por 6 semanas (p. 123).

04. **Vivência.** As experiências nos Estados Unidos propiciaram reflexões sobre a importância da política: “Minha tendência sempre foi mergulhar nos livros, mas mesmo assim, passaram a me interessar os movimentos pelos direitos civis, e aprendi muito com isso. Queria entender esse aspecto – mas também o país, em toda sua complexidade – e ver onde eu mesma, uma mulher negra queniana, me encaixava nisso tudo” (p. 115).

05. **Igualdade.** Lutou e foi bem-sucedida pela igualdade de salários e benefícios das mulheres e homens na Universidade (p. 147-149).

06. **Direção.** Foi diretora, em Nairóbi, da Cruz Vermelha Queniana e da Associação Queniana de Mulheres Universitárias (p. 153).

07. **Voluntária.** Foi voluntária da ELCI (*Environment Liaison Centre International*). Esta instituição visa garantir a participação da sociedade civil (ONGs) nos trabalhos empreendidos pela UNEP (órgão da ONU dedicado a questões ambientais) (p. 154-155).

08. **Mulheres.** Foi membro do Conselho Nacional de Mulheres do Quênia (*National Council of Women of Kenya*, sigla: *NCWK*) (p. 157).

09. **Empresa.** Abriu empresa para gerar emprego para a população, a *Envirocare* Ltda, porém não deu certo (p. 162).

10. **Silvicultura.** Forneceu orientação às mulheres da zona rural, a maioria pobres e analfabetas. “Essas mulheres eram as nossas “silvicultoras sem diploma” (p. 172).

11. **Cinturão.** Fundou a organização chamada Movimento do Cinturão Verde, na década de 70 (p. 123, 159, 160, 375).

12. **Expição.** Sobre a ocasião do julgamento da separação: “A certa altura, ficou claro que estavam me fazendo de bode expiatório [...]. Decidi manter a cabeça erguida, o corpo apumado e sofrer com dignidade: daria assim a cada mulher e cada menina motivos para se orgulharem e nunca se arrependem de ser instruídas, bem-sucedidas e talentosas”. “O que tenho”, disse comigo mesma, “é algo a ser comemorado e não ridicularizado ou desmerecido” (p. 183).

13. **Vice-diretora.** Ganhou para ser vice-diretora da NCWK (não ganhou para ser diretora devido a sua etnia, instrução e estado civil na primeira vez que participou) (p. 193 e 195).

14. **Diretora.** Ganhou para ser diretora da NCWK – “Quando sinto que estão me pressionando injustamente, tenho tendência a fincar os pés para me manter bem firme no chão – exatamente o oposto do que aqueles que pressionam esperam que aconteça” (p. 196-197).

15. **Nobel.** Ganhou o prêmio Nobel da Paz, devido às iniciativas ambientalistas.

**Megatrafor.** A liderança foi ordenada em primeiro lugar por constituir o megatrafor de Wangari.

## PERSISTÊNCIA

**Direito.** “A luta por igualdade na universidade também me ensinou que, às vezes, é preciso persistir naquilo em que acreditamos, porque nem todos querem o nosso bem ou vão nos dar o que merecemos – nem mesmo as mulheres como nós” [...]. “Queria ser eu.” (p. 150).

## RESILIÊNCIA

**Vigor.** Conforme a *Holomaturologia*, o traço da resiliência consciencial pode ser encontrado em seis posicionamentos da professora diante das adversidades da vida:

### 1. Adaptação:

...aquela viagem aos Estados Unidos tinha aumentado minha capacidade de adaptação. Ao chegar a determinado ambiente, tenho tendência a aceitá-lo como é. Não fico tentando pressupor como deveria ser, portanto não me desaponto quando as coisas não são como eu esperava; pelo contrário, a novidade e a diferença me estimulam. Sabia que não ficaria na Ale-

manha para sempre, então tratei de aproveitar o tempo que ia passar ali e me dedicar ao trabalho (p. 139).

## 2. Proveito:

Ao varrer o último restinho de poeira, fiz um trato comigo mesma; aceitaria. O que tivesse de ser, seria. Precisava viver minha vida. Lembrei do que uma amiga me disse certa vez, a sua filosofia pessoal: “A vida é uma viagem e uma luta”, disse ela. “Não podemos controlá-la, mas podemos tirar o melhor proveito possível de cada situação”. E eu me encontrava numa situação e tanto! Cabia a mim tirar proveito dela (p. 178 – o contexto era da separação conjugal).

## 3. Falha:

Se você deu o melhor de si a alguma coisa e, mesmo assim, não funcionou, então o que mais pode fazer? Nada. Sentia que havia feito tudo o que estava ao meu alcance com relação ao meu casamento. Não deu certo, mas precisava parar com essa história de me culpar pelo fracasso. Também precisava me fortalecer para enfrentar a inevitável recriminação dos outros. Além disso, como eu tanto gostava de dizer, “falhar não é crime”. O importante é que, se falhar, você tenha energia e vontade para se levantar e ir em frente (p. 180).

## 4. Oportunidade: “Mesmo nos momentos mais difíceis, as oportunidade aparecem” (p. 181).

## 5. Inabalável:

Longe de me abater, porém, essa mensagem me deu força. Sabia que não tinha feito nada errado. Não tinha agido de má-fé, com arrogância ou com intento criminoso. E vejam o que fizeram comigo! Apesar da experiência tão sofrida por que passei, algo de bom pode ter saído de tudo isso para outras mulheres que tenham de enfrentar um divórcio no futuro. Ao verem que me mantive inabalável diante da pressão exercida contra mim, muitos homens perceberam que, se quisessem se divorciar, seria melhor, tanto para eles mesmos, quanto para seus filhos e sua família, que tudo corresse de maneira justa e respeitosa (p. 188 - após sair da prisão devido ao divórcio).

## 6. Desafio:

Nenhum de nós pode controlar as situações em que nos encontramos. O que podemos controlar é a nossa reação quando as coisas se voltam contra nós. Sempre encarei qualquer fracasso como um desafio que me impulsiona para seguir em frente. Um tropeço é apenas um passo no longo caminho que percorreremos, e se deter nele só adia a conclusão do percurso. Quem quer que já tenha conquistado algo caiu várias vezes até que isso acontecesse. Todos, porém, se levantaram e foram adiante, e é o que sempre tentei fazer (p. 202-203 – Wangari não tinha salário, emprego e estava com ordem de despejo da casa da universidade, aos 41 anos de idade voltou à estaca zero).

**Vencedora.** A resiliência tem sido muito estudada hoje em dia pela Psicologia e Psiquiatria, pois compõe traço das pessoas vencedoras na vida.

## AUTOSSUFICIÊNCIA

**Independência.** “Um aspecto que me ajudou foi o fato de eu ter me tornado uma pessoa muito independente ao longo dos anos em que estive casada. Em função da natureza de nossos trabalhos, e muito particularmente, graças a meu próprio senso de responsabilidade” (p. 179).

---

## FITOCONVIVIALIDADE / CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

**Natureza:** “Sempre fui muito ligada à natureza” (p. 65); “Sempre que minha mãe me mandava buscar água, eu ficava perdida nesse fascinante mundo da natureza até ela me chamar” (p. 68); “não há nada mais bonito do que trabalhar a terra ao pôr-do-sol” (p. 69).

**Missão.** Esse gosto ou tendência de Wangari acabou se constituindo no foco da missão de vida dela.

## COMUNICABILIDADE / INTELLECTUALIDADE

**Bidotalidade.** Esses trafores já foram descritos na primeira parte do artigo, no tópico biografia, no subtítulo escolaridade/intelectualidade. Do ponto de vista da *Comunicabilidade e Intelectualidade*, além de falar alemão e inglês, dominava os dialetos *quicuiu* além da língua nacional *kiswahili* (p. 142); lembrando também da profissão de professora universitária exercida por ela tendo chegado ao título de pós-doutora e da atuação como oradora nos fóruns representando o marido em campanha política (p. 143).

**Gescons.** Quanto à *Grafopensenologia*, até onde foi possível investigar, ela deixou esse livro autobiográfico. Não há conhecimento da publicação da dissertação e tese acadêmicas defendidas.

## B. TRAFARES

**Falhas.** De acordo com a *Trafarologia*, foram identificados três trafores, defeitos ou falhas fundamentais dessa personalidade-líder feminina:

### IMPULSIVIDADE / FALTA DE PLANEJAMENTO

**Afobação.** Em três trechos, a autora revela mais diretamente os trafores da impulsividade e da falta de planejamento:

1. **Escritura:** com o dinheiro que ela recebeu da Universidade por sua luta de direitos iguais, ela e o marido compraram uma casa, mas o nome dele é que ficou na escritura. “Mais tarde percebi que deveria ter insistido, pois, alguns anos depois, quando me demiti da universidade e, de repente, me vi sem um lugar para morar, não pude reivindicar aquela casa” (p. 150).

2. **Salto:** “Em janeiro de 1982, dei um salto decisivo, sem rede de proteção. Imaginem o meu desgosto quando, depois que já tinha entregado minha carta oficial de demissão, as autoridades conseguiram criar um motivo técnico que me impedia de concorrer [ao parlamento]” (p. 199).

3. **Precipitação:** “Não estava perfeitamente a par de tudo isso quando tomei a decisão de me demitir, nem por isso, porém, deixei de arcar inteiramente com as consequências de tal decisão. Saí da universidade de mãos abanando. Não tinha vencimentos, nem seguro-saúde” (p. 201).

**Previsão.** Faltou então o senso de previsão, principalmente quanto ao sustento econômico-financeiro, fundamentado na profissão ou ocupação.

---

## RELIGIOSIDADE

**Coerção.** Wangari estudou em escolas católicas, desde os 11 anos de idade até a faculdade. A lavagem cerebral sofrida fica evidente através de 4 passagens extraídas da autobiografia — a admiração pela Igreja Católica, a mudança de nome na ocasião do batismo já na adolescência, a vida semelhante à de freira e a reza contra a rebelião do povo africano combatente dos colonizadores britânicos:

1. **Catolicismo:** “Durante o período que passei no Santa Cecília, e depois de muitas lições de cristianismo, especialmente sobre a reforma, decidi me tornar católica. Ensinavam-nos que a Igreja Católica era a igreja original e detinha a verdade de Deus.” (p. 85).

2. **Nome:** “Não me lembro de ter discutido essa decisão com minha família. Simplesmente decidi. No meu primeiro aniversário depois disso, nasci de novo. Para demonstrar minha admiração pela Sagrada Família, por Maria e por José, escolhi um novo nome de batismo: Mary Josephine” [...]. Minhas amigas me chamavam de Mary Jo, tanto no ensino secundário quanto na faculdade” (p. 86).

3. **Reflexão (Educação):** “Acabei entendendo que a educação que tive [no Quênia] foi vitoriana. Vivia praticamente como uma freira, mesmo não tendo entrado para nenhuma ordem religiosa” (p. 110).

4. **Desinformação:** “A desinformação e a lavagem cerebral eram tamanhas que rezávamos para que os Mau Mau fossem presos. Eu não compreendia que eles lutavam pela nossa liberdade!” (p. 89).

**Lavagem.** A lavagem cerebral é o método persuasivo enfraquecedor da personalidade, da identidade, da resistência psicológica de alguém, visando a renúncia das convicções pessoais – sejam políticas, religiosas ou culturais –, atitudes, padrões de comportamento, e a adoção daquelas convicções impostas.

**Espúrio.** Nesse caso, o catolicismo e a colonização foram os agentes espúrios, anticosmoéticos e anti-fraternos de coerção ideológica. A coerção pela Igreja Católica é de tal peso, chegando ao ponto da Wangari assumir outro nome, na fase da adolescência, evidenciando o enfraquecimento da identidade pessoal, assim como a manipulação pelos católicos colonizadores de jogar o próprio povo queniano contra ele mesmo.

## BAIXO NÍVEL DE CRITICIDADE

**Imposição.** O Quênia foi colônia da Inglaterra, conseqüentemente houve a imposição da língua inglesa como idioma oficial do país, principalmente nas escolas. Essa estratégia faz parte do processo de submissão econômica, política e cultural imposta pelo país explorador sobre os colonizados, conforme relato do próximo parágrafo:

### Ingleses.

Nessa época, o inglês tinha se tornado a língua oficial de comunicação e instrução nas escolas do Quênia. Quem quisesse progredir nos estudos sabia que aprender inglês bem era fundamental. [...] Uma prática comum para garantir que os próprios alunos cobrassem isso uns dos outros era exigir que aqueles que fossem apanhados falando outra língua usassem um broche conhecido como ‘advertência’. Às vezes, havia ali inscrições em inglês, tais como: ‘Sou burro. Fui apanhado falando minha língua materna’. No fim do dia, os alunos que tivessem tal broche seriam castigados, tendo que cortar grama, varrer ou cuidar do jardim. A maior punição, porém, era o constrangimento que a pessoa sentia por ter falado em sua língua materna. [...] isso nos levou a um mundo que ia minando nossa autoconfiança (p. 84).

**Cor-de-rosa.** Ainda sobre a colonização britânica, observa-se *visão cor-de-rosa* por parte da autora através desse trecho: “Na fazenda de Mr. Neylan, trabalhavam pessoas de várias comunidades, incluindo-se *luos*, *kipsigis* e quicuios, que, se não fosse pelo sistema econômico instituído pelos britânicos, jamais teriam vivido juntos uns dos outros” (p. 40).

**Contradição.** Porém, a própria autora cai em contradição, pois ela mesma, seguindo no mesmo parágrafo, diz: “os quicuios trabalhavam no campo, os *luos*, mais próximos da sede da fazenda, como empregados domésticos, e os *kipsigis* eram encarregados dos rebanhos e da ordenha. [...] Provavelmente, foi a forma que o patrão encontrou para garantir que todos cumprissem o seu papel e não se unissem. O que se via era uma aldeia *quicuia* aqui, uma aldeia *luo* ali, e uma *kipsigi* acolá”. Isso demonstra vida separada e não conjunta, conforme a autora havia dito anteriormente.

**Americanização.** Outro processo de lavagem cerebral é observado a partir da vivência dela no período como residente nos Estados Unidos, na época da universidade e mestrado: “Na época de nossa formatura, estávamos inteiramente americanizadas. É a sedução dos Estados Unidos. O que aconteceu comigo no Kansas continua a acontecer em todas as gerações pelo mundo afora” (p. 117).

**Permanência.** O baixo nível de criticidade é compreensível na fase escolar, citada no primeiro excerto, porém esse traço permanece no período da faculdade e mesmo na adultidade. Wangari é crítica quanto às questões ambientalistas e políticas, porém sobre a colonização inglesa e a imposição do catolicismo parece guardar certa gratidão.

**Personalidade.** Esses dois elementos, a colonização britânica e o imperialismo católico, parecem ter servido para estruturação da personalidade de Wangari, criando raízes intraconscenciais, conduzindo-a à postura ambígua frente a esse imperialismo multifacético, ora apontando os malefícios ora destacando “possíveis” benefícios.

### C. TRAF AIS

**Finanças.** A falta da educação financeira fica evidente através dessa passagem do livro: “Então, fui ao banco, saquei todo o meu dinheiro e comprei um minúsculo Toyota branco, novinho em folha, pagando à vista. E eu nem sabia dirigir! De um modo geral, investimentos não eram o meu forte naquela época. Se soubesse o que sei agora, teria investido o dinheiro numa casa” (p. 136).

**Melhoria.** O tráfal sobre finanças parece ter sido suprimido ou ao menos amenizado, conforme a própria autora insinua quando diz “se soubesse o que sei agora...”.

**Parapsiquismo.** Outro tráfal ou traço ausente na personalidade da nobelista é o parapsiquismo. Não foi encontrada menção a esse aspecto na obra autobiográfica.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Síntese.** O objetivo desse artigo foi realizar análise conscienciométrica a partir do livro autobiográfico da Wangari Maathai. Foi apresentada a autobiografia e indicados prováveis trafores, tráfares e tráfais encontrados nessa narrativa.

**Incompletude.** Como esse artigo fundamentou-se somente na autobiografia da autora, constitui-se em análise incompleta. Para se ter visão abrangente e cosmovisiológica sobre a personalidade de Wangari Maathai seria necessário a leitura de biografias escritas por outros autores, pois trariam pontos de vista diferentes e de maior distanciamento heterocrítico.

**Complexidade.** “A consciência é excessivamente complexa. É impraticável empregar métodos avaliativos simples, rápidos ou meramente mecânicos” (VIEIRA, 1996, p. 30). Em função disso, esse artigo não pretende ser a última palavra ou verdade absoluta sobre os traços da consciência sob análise.

**Ideal.** A condição ideal para análise exaustiva seria realizar a leitura da autobiografia e de todas as biografias disponíveis sobre a personalidade em estudo e analisá-la a partir das 2.000 perguntas ou 100 folhas de avaliação existentes no conscienciograma.

**Válido.** Por outro lado, o artigo é válido, ao refletir sobre autorreflexão, podendo contribuir tanto na direção de maior entendimento sobre essa personalidade-líder do século XX-XXI, quanto no desenvolvimento do senso ou raciocínio conscienciométrico a partir da tríade trafor-trafar-trafal.

**Pretensão.** Esse artigo é fruto da vontade de compartilhar com os interessados e interessadas, exercício de reflexão conscienciométrica realizada em momento de reciclagem intraconscienical (recin) pessoal. Não teve a pretensão de ser exaustivo do ponto de vista de conhecimento biográfico sobre a pessoa analisada.

**Paragenética.** Os trafores conscienciais são o resultado dos melhores esforços evolutivos da consciência ao longo das seriéxis, constituindo a paragenética pessoal. O megatrafor de Wangari Maathai é a liderança política, feminina, ambientalista.

**Trafores.** O megatrafor da liderança parece atrair outros trafores exigidos pela função da liderança, tais como a persistência, a resiliência, a autossuficiência, a comunicabilidade e a intelectualidade.

**Passado.** Vivemos em grupo e a cada vida retomamos o passado com determinadas pessoas as quais devemos saldar dívidas, através da qualificação desses vínculos conscienciais.

**Religiosidade.** O fato dela estudar desde o ensino fundamental até a universidade em escolas católicas revela o passado afim às consciências religiosas, com raciocínio assentado em crenças e não na experimentação. Tal forma de pensar voltada para a dependência de figuras de autoridade, de muletas e de rituais conduzem ao outro trafor, o baixo nível de criticidade.

**Mecanismo.** Parece haver certo mecanismo de funcionamento consciencial através da conjugação do contraponto da autossuficiência e da religiosidade, sendo a personalidade independente em relação às pessoas, “de carne e osso”, porém é dependente de figuras míticas, fantasiosas.

**Sinergismo.** O trafor da impulsividade, em interação com trafor da educação financeira, criou sinergismo patológico de acordo com fatos arrolados e transcritos da autobiografia no decorrer do texto.

**Desafio.** A autobiografia de Wangari Maathai é leitura recomendada principalmente às mulheres e intermissivistas, pois o desafio maior, após a realização do Curso *Intermissivo* (CI), é ser líder de si mesma, com racionalidade, anticonflituosidade e imperturbabilidade, por meio do desenvolvimento dos trafores da Cosmoética, da *inteligência evolutiva* e do *parapsiquismo interassistencial*.

---

## REFERÊNCIAS

1. **Abril**; *Almanaque Abril: Brasil, Mundo e Esportes 2005*; apres. Claudia Giudice; revisores Felice Moraleito; et al.; 3 Vols.; 870 p.; 24 caps.; 188 abrevs.; 17 cronologias; 60 enus.; 26 estados brasileiros e DF com mapas e bandeiras; 312 fotos; glos. 3.576 termos; 70 gráfs.; 8 ilus.; 53 mapas; 193 países atualizados com mapas e bandeiras; 5 regiões brasileiras com mapas e bandeiras; 176 websites; 228 tabs.; 20 x 14,5 x 4,5 cm; br.; Editora Abril; São Paulo, SP; 2005; páginas 390 e 391.

2. **Maathai**, Wangari; *Inabalável (Unbowed)*; trad. Janaína Senna; 392 p.; 13 caps.; apênd.; 26 fotos; epíl.; alf.; 23 x 16 cm; br.; Editora Nova Fronteira; Rio de Janeiro, RJ; 2007; páginas 1 a 376.

3. **Ministério das Relações Exteriores (MRE)**; Governo Brasileiro; *Dados Básicos: Quênia*; Data: 2005; disponível em: [http://www2.mre.gov.br/deaf/daf\\_3/quenia2.htm](http://www2.mre.gov.br/deaf/daf_3/quenia2.htm); Acesso em: 26 jan. 2012.

4. **Vieira**, Waldo; *Conscienciograma: Técnica de Avaliação da Consciência Integral*; Revisor Alexander Steiner; 344 p.; 150 abrevs.; 106 assuntos das folhas de avaliação; 3 E-mails; 11 enus.; 100 folhas de avaliação; 1 foto; 2.000 itens; 1 microbiografia; 100 qualidades da consciência; 100 títulos de folhas de avaliação; 1 website; glos. 282 termos; 7 refs.; alf.; 21 x 14 cm; br.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1996; página 30.

